



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

E-ISSN 2316-3801

DOI - 10.17564/2316-3801.2017v6n2p51-64

PERFORMANCES DE TRAVESTIS NAS TERRAS CONSAGRADAS A SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS: UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA NO MUNICÍPIO DE CANINDÉ-CEARÁ, BRASIL
PERFORMANCES OF TRANSVESTITES IN CONSECRATED LANDS TO SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS: AN ETHNOGRAPHIC EXPERIENCE IN THE CITY OF CANINDÉ-CEARÁ, BRAZIL
ESPECTÁCULOS DE TRAVESTIS EN LAS TIERRAS CONSAGRADAS A SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS: UNA EXPERIENCIA ETNOGRÁFICA EN CANINDÉ-CEARÁ, BRASIL

Antoniél dos Santos Gomes Filho¹

Eloi dos Santos Magalhães²

RESUMO

As experiências etnográficas apresentadas neste estudo/texto são oriundas das leituras e debates suscitados na disciplina *Representações do Corpo: antropologia da performance*, no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). O campo de investigação se deu no Município de Canindé no Estado do Ceará, no nordeste brasileiro, entre os meses de novembro e dezembro de 2016, onde se objetivou conhecer as experiências do cotidiano de travestis que residem nesse território e quais representações e performances são manipuladas por essas sujeitas. O texto inicialmente apresenta uma discussão das teorias da *performance* e seus

usos no Brasil, seguindo da apresentação das experiências etnográficas com as travestis informantes da investigação, finalizando com a apresentação de questões educacionais suscitadas no campo, principalmente em relação a homofobia na escola contra as travestis e demais pessoas LGBT.

PALAVRAS-CHAVE

Antropologia da Performance. Travestis. Homofobia na Escola.

ABSTRACT

The ethnographic experiences presented in this study/text come from the lectures and debates raised in the discipline *Representations Of The Body: Performance Anthropology*, in the Postgraduate Program in Sociology of the Federal University of Ceará (UFC). The field of investigation occurred in the city of Canindé in the state of Ceará, in the Brazilian northeast, between November and December 2016, where it was aimed to know the daily experiences of transvestites residing in that territory and which representations and performances are manipulated by those subjects. The text initially presents a discussion of the theories of performance and its uses in Brazil,

followed by the presentation of the ethnographic experiences with the transvestites informants of the investigation, ending with the presentation of educational issues raised in the field, mainly in relation to homophobia at school against transvestites and other LGBT people.

KEYWORDS

Performance anthropology. Transvestites. Homophobia in School.

RESUMEN

Las experiencias etnográficas presentadas en este estudio/texto son oriundas de las lecturas y los debates en las clases de Representações do Corpo: antropologia da performance, en el programa de posgrado en Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). El campo de la investigación fue en el municipio de dulces en el estado de Ceará, en el noreste de Brasil, entre los meses de noviembre y diciembre de 2016, donde se pretendía conocer las experiencias cotidianas de travestis que residen en ese territorio y cuales representaciones y actuaciones son manejadas por este tema. Inicialmente, el texto presenta una discusión de los estudios de performance y su

uso en Brasil, después presenta las experiencias etnográficas con travestis, terminando con la presentación de temas educativos que se presentan en el campo, especialmente en relación con la homofobia en la escuela contra los travestis y otras personas LGBT.

PALABRAS CLAVE

Antropología de la performance. Travestis. Homofobia en la escuela.

1 INTRODUÇÃO

As experiências etnográficas apresentadas neste estudo são oriundas das leituras e debates na disciplina *Representações do Corpo: antropologia da performance*, no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)¹, ministrada pelos Professores Dr. Alexandre Fleming Câmara Vale e Dr. Eloi dos Santos Magalhães. Neste momento inicial, é válido realizar um sucinto resumo das experiências ocorridas em sala de aula durante as manhãs de quinta-feira do semestre de 2016.2, que foram guiadas pelos seguintes objetivos e justificativa:

As apropriações do conceito de performance já possuem uma considerável trajetória na antropologia, incorporando desenvolvimentos realizados não apenas nas artes visuais, mas também na filosofia e na linguística. Nas Ciências Sociais, sua entrada em cena acontece com os trabalhos de Erving Goffman (1922-1982) e Victor Turner (1920-1983), que expandem o conceito de performance para o campo social, enxergando-o simultaneamente como sinônimo de comportamento social, mas também de comportamentos “expressivos, extracontidanos, restaurados e recuperados”. Em ambas abordagens, o conflito social é comparado ao conceito de drama social, que passa a figurar como poderosa metáfora para compreender as representações e agenciamentos das pessoas (ou dos “Eus”) na vida cotidiana. Levando-se em conta que sua abordagem para as ciências sociais se justifica, muito especialmente pelo fato de que tal achado conceitual, articulado a outras proposições teórico-metodológicas como agenciamentos, *embodiments* e paródias (dentre outras) implicam em uma possível resposta às “teorias da estrutura e da representação”, a presente disciplina tem como objetivo abordar a especificidade e as reverberações desses conceitos para a prática de pesquisa sócio-antropológica. (VALE; MAGALHÃES, 2017, p. 1).

1. O Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) foi implementado no ano de 1976, inicialmente com o curso de mestrado, sendo implantado no ano de 1994 o doutorado sendo ambos os cursos reconhecidos pela CAPES no processo de qualificação dos cursos de pós-graduação, no Brasil, com nota 5 (PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – UFC, 2017). Para maiores informações ver sitio eletrônico: < <http://www.posgradsoc.ufc.br/>>.

Apresentados os objetivos e a justificativa que guiam a disciplina, nós, discentes oriundos de diversos programas de pós-graduação da UFC para além da Sociologia, sendo esses, Comunicação, Psicologia e Educação (de onde somos oriundos), iniciamos as leituras introdutórias sobre os estudos da performance, destaque para os textos de Marvin Carlson (2010) e Richard Schechner (2006) que apresentam um panorama amplo sobre os estudos da performance em seus diversos ângulos (cultural, social, histórico, na linguagem, na arte etc.).

Posteriormente, seguiu-se com leituras em blocos temáticos, a saber: (01) A sociedade, o corpo e o rito; (02) O Palco e a fala I e II; (03) Da análise do significado à interação criativa; (04) Contribuições de Turner e Schechner; (05) A antropologia da experiência; (06) Corporeidade, cura e política da identidade; (07) Performance: Dança, música e oralidade, (08) Performance: patrimônio e lugar; (09) Performance: brincando com a imaginação e (10) Performance e Etnografia.

No decorrer das aulas os debates sobre o (re)fazer da pesquisa sobre performance, etnografia e a formação do pesquisador em Ciências Sociais tomaram uma boa parte do tempo das discussões. A leitura de textos como: *Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa*, de Clifford Geertz (1973) ou *A poética do mercado público: gritos de vendedores no México e em Cuba*, de Richard Bauman (2009), dentre outros, suscitaram dúvidas e angústias no trato das pesquisas que nós, discentes, estamos desenvolvendo, seja com as *drag queens*, com as mães de uma comunidade carente, nas igrejas inclusivas, nos terreiros de umbanda em Fortaleza ou com as travestis nos Municípios de Canindé e Juazeiro do Norte no Estado do Ceará.

A entrada, abertura e fechamento do campo, procedimentos éticos, a escolha de interlocutores, a presença do pesquisador no campo, a observação dos nativos em relação ao pesquisador, as observações dos rituais e, especialmente, o olhar sobre os dramas e performances do cotidiano de nossos/as informantes,

foram explorados e expostos desde as primeiras aulas até a última no dia 12 de Janeiro de 2017, quando discutimos os textos: *Sobre a autoridade etnográfica e Sobre a alegoria etnográfica* de James Clifford (1986) e *Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista* de Judith Butler (1998), sendo que ambos nos levaram a pensar sobre as subjetividades que perpassam a pesquisa de campo, tanto no que se refere ao pesquisador, quanto aos nativos e/ou informantes.

Como já anunciado, a disciplina é constituída por discentes oriundos dos mais diversos cursos de pós-graduação da UFC. Nesse sentido, é válido dizer quais os itinerários que me fizeram chegar até os estudos de Antropologia do Corpo e da Performance. Após a qualificação do projeto de pesquisa intitulado *Travestis, Educação e Religiosidade Popular: um estudo comparado entre Juazeiro do Norte e Canindé no Estado do Ceará*, junto à Linha de História e Educação Comparada (LHEC), no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE-UFC), buscamos junto ao programa uma disciplina que tratasse dos estudos de gênero e sexualidade na educação, mas não houve nenhuma oferta na temática – como ocorreu em semestres anteriores.

Desse modo, iniciamos uma busca, com incentivo dos professores da LHEC, por uma disciplina onde pudesse ter uma ampliação das leituras e aporte teórico na temática investigada. Quando vimos a oferta no SIGAA² da disciplina de Antropologia do Corpo nos lembramos dos estudos da já mencionada Judith Butler, como também dos estudos do antropólogo e sociólogo francês David Le Breton (*Sociología Del cuerpo; y Antropología Del cuerpo e modernidad*), e do historiador turco Thomas Laqueur (*La construcción del sexo: Cuerpo y género desde los griegos hasta Freud*).

Porém, as referências apresentadas na disciplina estavam para além desses textos que já tínhamos lido e manuseado de algum modo. Por isso, as leituras desenroladas ao longo do semestre compõem um novo conhecimento, uma nova fonte de observação sobre os fenômenos sociais, culturais e educacionais e mais

uma via de pensar o corpo, o gênero e a sexualidade, temática que nos últimos anos vimos tentando compreender com maior profundidade.

Diversas são as possibilidades teóricas e metodológicas que abarcam os estudos da *performance*, mas frente às experiências obtidas no campo (delineadas mais adiante) optamos pelos escritos de Erving Goffman e seus conceitos de drama, representação social e estigma apresentados nas obras: *A representação do eu na vida cotidiana* (1985) e *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (2013). Em relação aos estudos sobre as pessoas travestis utilizamos como fonte as pesquisas de Alexandre Fleming Câmara Vale (2005), Don Kulinck (2008), Larissa Pelúcio (2005, 2005a, 2009) e outros pesquisadores/as.

Pesquisadores esses que já investigaram sobre a temática, buscando assim um movimento dialógico, entre as produções já publicadas e as realidades vividas pelas travestis do município de Canindé, que está localizado na região norte do Estado do Ceará, a 115 quilômetros de Fortaleza, capital do Estado, tendo como padroeiro São Francisco das Chagas, tradição esta que remonta aos anos de 1775, quando o sargento-mor português Francisco Xavier de Medeiros deu início em 7 de Janeiro às obras da igreja de São Francisco das Chagas de Canindé, que por conta das secas só foi terminada nos anos de 1793, sendo a construção atravessada por uma série de acontecimentos miraculosos atribuídos ao santo (WILLWKE, 1973).

O município atualmente possui segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) cerca de 75 mil habitantes, recebendo a segunda maior romaria do mundo em devoção a São Francisco, fica atrás apenas das romarias em Assis, na Itália, local de nascimento do santo católico, diante das romarias a maior parte do Produto Interno Bruto (PIB) da cidade está concentrado no setor de serviços (75,73%) (SANTUÁRIO DE CANINDÉ, 2017), movimentando assim a cidade para receber os romeiros devotos de São Francisco durante todo o ano. Ressalta-se que os estabelecimentos tais como bares, restaurantes e outros locais de divertimento também se preparam para receber tanto os moradores como os visitantes.

2. Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas.

2 AS PERFORMANCES DE TRAVESTIS NO COTIDIANO: UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Os estudos da *performance* nas ciências sociais, em especial na antropologia cresceram de modo significativo no Brasil nas últimas décadas. Como aponta Esther Jean Langdon (2007), os anos 1990 marcaram o início das pesquisas sobre *performance*, já que muitos pesquisadores voltaram de seus estágios e formação no exterior. A autora também ressalta que, no país, diversas são as abordagens teóricas e metodológicas, sendo Victor Turner e Richard Schechner os teóricos mais influentes, nesse espaço (inter)disciplinar. Tal proposição indica que diversos são os modos de observar e estudar as *performances*, assim Esther Jean Langdon aponta que a vertente apresentada por Richard Bauman e Charles Briggs se comparados aos teóricos mais influentes, não foi tão explorada. Como explica a autora, em Bauman e Briggs tem-se a seguinte noção analítica de *performance*:

O que difere os estudos de performance dos estudos clássicos do rito não são os eventos a ser analisados mas uma alteração no direcionamento do olhar. Enquanto as análises mais clássicas do rito resultam principalmente em interpretações do conteúdo semântico dos símbolos, as da performance chamam atenção para o temporário, o emergente, a poética, a negociação de expectativas e a sensação de estranhamento do cotidiano [...] “Causar estranhamento”, suscitando um olhar não-cotidiano, e produzir momentos onde a experiência está em relevo, também são características de atos performáticos segundo a abordagem de Bauman e Briggs. (LANGDON, 2007, p. 168).

Nessa abordagem observamos a *performance* como um processo de sinalização e de metacomunicação, onde os atos performáticos são produtores de rupturas com o cotidiano, daqueles que assistem e avaliam a *performance* e, onde os atores que tomam para si no momento da *performance* a responsabilidade de colocar a experiência em relevo, em um determinado período de tempo.

Porém, há outro modo de observar e analisar a *performance*, já que “[...] todo mundo, em algum momento, sabe que está socialmente ‘fazendo um papel’[...]” (CARLSON, 2010, p. 15). Assim, cotidianamente, todos nós realizamos *performances*. É nesse sentido onde a metáfora do teatro é colocada sobre o social, onde nós somos potenciais atores, ou condutores de *performances* culturais prontos a manipular plateias nos mais diversos cenários sociais que os estudos de Victor Turner (1987), Richard Schechner (2006) e Erving Goffman (1985) nos dão outra vertente analítica (na qual fazemos uso neste estudo), já que foram realizadas conexões entre os estudos tradicionais do teatro com a Antropologia e a Sociologia.

In other words, if the contrivers of cultural performance, whether these are recognized as “individual author”, or whether they as representatives of a collective tradition, genuises or elders, “hold the mirror up to nature”, they to this which “magic mirrors” which make ungly or beautiful events or relationships which cannot be recognized as such in the continuous flow of quotidian life in which we are embedded. (TURNER, 1987, p. 22).

Como apontado por Victor Turner, todos nós somos condutores de performances em nossas vidas cotidianas, podendo apresentar performances agradáveis ou não, onde utilizamos diversos espelhos para nos apresentarmos nas mais diversas situações. Nesse sentido, vale trazer uma experiência obtida no campo, mais precisamente o primeiro contato com Bianca, Sheila, Pamela e Cláudio³, grupo de amigos que encontramos em Canindé-CE durante a pesquisa, sendo as duas primeiras as travestis e todas/os informantes da investigação.

Já alocado em Canindé, no Hotel Santiago na Rua João Pinto Damasceno, mais conhecida na cidade como “a rua dos hotéis” sai por volta das 18h30min para iniciar o campo de pesquisa e ver se encontrava possíveis informantes travestis. Inicio minhas observações na Praça Doutor Arames, onde há um parque de diversões instalado e muitos quiosques que vendem comidas e bebidas. O parque de diversões, ao que parece, é a grande atração da cidade, tanto para os moradores

3. Nomes fictícios.

como para os romeiros que visitam a cidade no fim de semana. O parque é dividido em dois espaços, sendo um destinado às crianças e outro aos adultos. Andando pela praça, percebo que as pessoas estão muito bem arrumadas. Alguns grupos ficavam embaixo de árvores com algumas bebidas e conversando. A praça é o local de sociabilidade dos jovens (principalmente) tanto os do município como dos visitantes. Até esse momento, por volta das 20h30min, ainda não tinha visto nenhuma travesti pela praça. Decido comer um sanduíche num quiosque, e volto para o hotel, onde fico sentado na porta observando o movimento das pessoas em direção à praça. Dei mais uma volta na rua João Pinto Damasceno no sentido da Catedral. As últimas banquinhas de rua já estavam fechando, fui até um barzinho na rua por trás para ver se encontrava alguma possível informante, mas não encontrei, isso entre por volta das 22h. Então decidi voltar para a praça Dr. Arames onde fazia minhas observações no entorno do parque de diversões, assim que cheguei logo no primeiro quiosque da praça avistei um grupo de pessoas, estando entre elas duas travestis, bem próximas à esquina. Fiquei observando, não dava para disfarçar que estava olhando para elas, logo o grupo percebeu, minha atitude foi ir para perto do grupo e acender um cigarro, e continuar o contato visual, foi aí que ofereci um cigarro. Num gesto espontâneo, levantei a carteira de cigarro na direção de uma delas e logo ela acenou que queria e veio até mim. Quando chegou logo me apresentei e disse que estava fazendo uma pesquisa sobre gênero e sexualidade sobre pessoas travestis em Juazeiro do Norte e Canindé. Bianca logo se apresentou e disse que achava muito interessante, perguntou se eu conhecia muitas travestis em Fortaleza, eu respondi dizendo que conhecia as travestis do movimento LGBT, foi então que ela me apresentou o restante da turma, Sheila a outra travesti do grupo, Pamela, Cláudio (que se auto-intitula homossexual) sendo todos de Canindé. (DIÁRIO DE CAMPO, 2016).

No primeiro contato com as informantes da pesquisa tivemos que fazer uma *performance*, uma vez que, essa era a nossa entrada no campo de investigação e ainda não tínhamos conhecido nenhuma travesti que pudesse nos auxiliar, houve um grande esforço de manipulação de impressão (GOFFMAN, 1985), pois necessitávamos manter uma atuação de pesquisador, ao mesmo tempo em que na vida cotidiana da localidade muitos nos vissem como mais um romeiro e/ou visitante, já que no bairro do cen-

tro é comum os moradores se conhecerem, até com grande fluxo de romeiros.

Outra questão a ser destacada nesse momento de entrada em campo, é que o espelho dos acontecimentos cotidianos, tal como dito por Victor Turner (1987), tanto refletiam a imagem dos romeiros e moradores, como também se refletiam para os mesmos. Assim, a falsa ideia de que nós, “pesquisador em campo”, estamos observando, não é tão palpável, já que também somos observados. É preciso acreditar no papel que representamos neste cenário tal como Erving Goffman aponta:

QUANDO UM INDIVÍDUO DESEMPENHA UM PAPEL, IMPLICITAMENTE solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de modo geral, as coisas são o que parecem ser. (GOFFMAN, 1985, p. 25).

Sustentar o papel do pesquisador nesse primeiro momento foi importante para estabelecer um primeiro contato, para ficarem claras as nossas intenções junto ao grupo, mas também como meio ético no curso da pesquisa. Claro que também não deixou de ser uma estratégia criada naquele cenário/local, onde como foi informado pelas travestis, é naquela praça o local onde elas ofereciam seus serviços sexuais, como foi dito por Bianca, quando estávamos sentados em um dos quiosques da praça:

As informantes me disseram que tinham vindo para a praça para fazer um pro, no início não compreendi a gíria, e perguntei o que era fazer um pro para Claudio, ele me disse que fazer um pro, era fazer um programa, foi então que disse a ele que no em Juazeiro do Norte fazer um programa era o mesmo que fazer um ploc, e depois disse isso na mesa para os demais. Perguntei a Bianca quem eram as pessoas que mais faziam programa com as travestis de Canindé, ela me disse que os romeiros sempre pagavam pelos programas e que em determinadas épocas como o natal, por exemplo, “eu ganho um dinheiro bom”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2016).

Vale ressaltar que a realidade das travestis de Canindé em relação a questões financeiras e a prestação de serviços sexuais não é muito diferente de outras realidades do país. Os estudos de Don Kulinck (2008), Marcio José Ornat (2012), Rubens da Silva Ferreira (2003), Wiliam Siqueira Peres (2015), Hélio Silva (2007), Larissa Pelúcio (2005, 2005a, 2009) e Alexandre Fleming Câmara Vale (2005)⁴ apontam que a prestação de serviço sexuais é o meio pela qual as travestis conseguem uma fonte, ou um complemento de renda para sua sobrevivência.

Diferente das grandes cidades onde a prostituição geralmente possui toda uma estrutura, contando com casas de prostituição⁵, onde as travestis podem vender seus serviços sexuais, seguindo uma série de regras, em Canindé a prostituição das travestis acontece, principalmente, na Praça Doutor Arames, no Centro da Cidade e também no “Vai quem quer!”⁶, local na saída da cidade onde se concentram algumas casas de prostituição.

Quando estávamos todos juntos na mesa não faltavam possíveis clientes - talvez esse não seja o termo correto nessa ocasião, pois ficava claro na interação, as meninas não tratavam os homens em potencial poderiam pagar pelo sexo realizado como clientes – os flertes corriam soltos, mas até o momento final em que fiquei com o grupo, a regra era clara, para haver sexo

4. Não é intuito deste estudo apresentar uma definição para o termo Travesti, visto que, muitos conceitos já foram cunhados e que o mesmo pode variar de grupo para grupo. Por ora tomo aqui as palavras de Alexandre Fleming Câmara Vale (2005, p. 14) quando diz que: “Para além da mera inversão vestimentária, a experiência travesti e transgênero faz ver que o feminino e o masculino remetem às normas estabelecidas, aos valores, aos símbolos, às representações, mas ela joga com essas normas, desviando os signos que lhes são correspondentes [...]”. Dito isto e estando consciente de que a experiência travesti e o jogo realizado com as normas por elas não é uno, juntamente com o tempo de pesquisa, não obtive um rol de informações para esboçar uma definição do que é ser travesti para o grupo investigado.

5. Sobre o assunto no Brasil ver Don Kulinck (2008) e Hélio Silva (2007).

6. O “vai quem quer!” é um local já na saída de Canindé para Fortaleza, neste bairro se concentram algumas casas de prostituição. Fui informado deste local por um moto-táxi do município no qual fiquei em contato no período da pesquisa. Segundo ele é comum os romeiros procurarem serviços sexuais tanto de mulheres cis, como mulheres travestis e transexuais, principalmente no período da romaria de outubro, mês no qual a cidade recebe o maior número de romeiros. Ressalta-se que Canindé possui muitos locais de diversão, em especial bares que ficam abertos durante toda a noite, como foi possível ver e visitar junto do moto-taxi, que foi mais um informante da presente investigação.

somente pagando. Continuávamos a beber, mesmo sem dinheiro, quando a cerveja acabava logo Sheila ou Pamela flertavam com algum homem ou davam uma volta e conseguiam uma cerveja para a mesa. (DIÁRIO DE CAMPO, 2016).

A conquista de clientes, os locais determinados onde sentar-se, saber o local onde se pode fumar maconha, o contato com outras pessoas consideradas estigmatizadas na praça, faz com que seja solicitado todo um aparato cenográfico para a realização das performances cotidianas das travestis de Canindé, município, como já mencionado, famoso pelo movimento religioso em torno da figura de São Francisco de Assis.

O cenário da praça é um local propício para que as travestis possam conseguir clientes, mas outros atores também compartilham do espaço, como, por exemplo, garotos usuários de drogas, tal como aconteceu num determinado dia de observação quando fomos abordados por um jovem que pedia dinheiro para comprar um “bagulho” de maconha.

Faço um lanche e saio do hotel por volta das 22h e vou para a praça. Os quiosques estão abertos, nesse horário as pessoas já começam a chegar na praça. Enquanto ando pela praça um rapaz passa numa bicicleta e fica me observando, o mesmo para embaixo de umas árvores, no qual não dava para ver seu rosto. Rapidamente olhei para uma lanchonete e entrei, comprei algo para comer, mesmo sem estar com fome. O rapaz atravessa a rua, entra na lanchonete lava as mãos e continua a me observar. Quando termina de lavar as mãos volta para o mesmo lugar na praça e acende um cigarro. Quando terminei meu lanche saio da lanchonete e vou em direção ao posto de moto-táxi, mas assim que ele viu que tinha saído da lanchonete, o rapaz pegou a bicicleta e foi na minha direção. Andei mais rápido, devido à movimentação suspeita do rapaz. Passou pelos moto-táxi e sento no primeiro quiosque da praça, ele colocou a bicicleta junto a uma árvore e veio em minha direção me abordou e disse: “Ei, me arruma dois conto pra eu interar um bagulho!”, respondi informando que tinha apenas algumas moedas, que tinha sobrado do lanche, mas ele continuou insistindo. Foi então que percebendo que ele não iria me assaltar, como imaginava anteriormente, comecei a conversar brevemente com ele, e perguntei quanto era um “bagulho” e ele disse: “Cinco conto, me dá ai essas moedas que sobrou!”. Percebendo que enquanto não

o desse, pelo menos as moedas o rapaz não iria sair, dei umas moedas que tinha no bolso, algo em torno de 2,50R\$, após entregar as moedas ele me pergunta: “Lá na pousada tem pó? Tu trouxe bagulho?”. Respondi dizendo que não fumava, ele fez um sinal de positivo com a cabeça, pegou a bicicleta e foi embora. (DIÁRIO DE CAMPO, 2016).

Depois desse contato, perguntando à Sheila e à Bianca, ficamos sabendo que muitos dos romeiros que vêm para Canindé trazem consigo drogas ilícitas, principalmente maconha e cocaína, e que, muitas vezes, tanto as travestis como as mulheres, fazem uso dessas substâncias com os clientes, algumas vezes realizando os serviços sexuais apenas pelo uso das substâncias, não recebendo dinheiro.

Como dito por Richard Schechner (2006), há sempre um processo de restauração do comportamento na *performance*, seja ela, num ritual de maior duração temporal, ou mesmo no cotidiano em nossas atitudes mais imperceptíveis. É necessário lembrar que:

O fato de que existem múltiplos “eus” em cada pessoa não é um sinal de distúrbio, mas simplesmente o jeito como as coisas são. As maneiras como uma pessoa desenvolve sua própria vida estão conectadas com as maneiras como as pessoas vivenciam outras em dramas, danças, e rituais. Na verdade, se as pessoas normalmente não entrassem em contato com suas múltiplas personas, a arte de atuar e a experiência de dominação pelo transe não seria possível. A maior parte das performances, da vida cotidiana e das outras maneiras, não possuem um autor apenas. [...]todo comportamento é comportamento restaurado – todo comportamento consiste de porções recombinadas de comportamentos previamente vivenciados. Obviamente, durante a maior parte do tempo as pessoas não estão cientes de que agem assim. As pessoas apenas “vivem a vida”. Performances são comportamentos marcados, enquadrados ou elevados, à parte do só “viver a vida” - comportamentos restaurados e restaurados, se assim desejar. (SCHECHNER, 2006, p. 8-9).

O comportamento restaurado apontado por Schechner pode ser correlacionado às representações de Erving Goffman (1985), já que o processo de restauração do comportamento é algo bricolado, lembrando de Gilles Deleuze e Félix Guatarri (2004), e que a re-

presentação deve acompanhar essa restauração para que o papel apresentado seja sustentado e convença a plateia. Essa correlação pode ajudar a compreender como os diversos “Eus” se apresentam socialmente, como foi relatado a nós por Pamela, mãe de uma criança de 4 anos, que vive conjugalmente com Bianca, uma das travestis informantes da pesquisa.

Em uma das conversas com Pamela, ela me perguntou onde estava hospedado, respondi dizendo o nome do hotel onde estava. Foi então que ela me disse que trabalhava numa pousada na Rua dos Hotéis com sua ex-companheira e que após o término do relacionamento ela saiu do emprego, pois “não iria dar certo nós duas trabalhando lá, uma tem que sair”. Foi então que disse que havia sido uma dificuldade para encontrar um hotel para ficar na cidade, pois queria fechar um quarto por um mês corrido. Ela me disse que “eles [os hotéis] não querem, pois no natal eles chegam a cobrar até dois mil reais por um quarto, aí eles não vão deixar de ganhar dois mil reais.”. Pamela e os demais saíram para fumar maconha, demoraram uns 15 minutos, eu fiquei na mesa esperando. Quando voltaram continuamos a conversar. Foi quando ela me disse que não tinha visto nenhum carro de polícia circulando no entorno da praça. Ela me disse que Canindé estava numa situação onde não havia muita segurança, foi então que me relatou que no dia anterior tinha dado duas facadas no braço de sua ex-companheira, pois a mesma tinha ido em sua casa ameaçá-la. Continuamos a conversar e ela disse que estava junta com Bianca, praticamente morando juntas já. “Minha mãe não disse nada, perguntou se eu estava bem, até minha filha de quatro anos entende.”, foi então que disse que as crianças entendiam e que o preconceito era algo ensinado, ela continuou e disse que não acha ruim porque Bianca se vestia como mulher, dizendo que se “ele se sente bem assim, se vestido de mulher”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2016).

Como aponta a cientista social Berenice Bento (2012), diversos são os arranjos familiares que coabitam a instituição social família, que está tradicionalmente envolvida com uma série de ideias, tais como as divisões binárias para os gêneros, a imagem do lar como local sagrado, a ideia de reprodução e continuidade da espécie, ou seja, ideais de uma família patriarcal e heterocentrada. Mas com sujeitos vivendo suas sexualidades mais livremente e sendo as homos-

sexualidades despatologizadas, novos desdobramentos na instituição familiar ocorreram. Aponta a autora que as travestis, quando expulsas de casa, reorganizam-se em estruturas familiares, onde não há laços consanguíneos e sim laços de solidariedade.

Para significar sofrimentos, exclusões, experiências subjetivas e corpóreas, são produzidos discursos que operam como sistemas de saberes que se apresentam como verdades e que se materializam performaticamente nas reiterações cotidianas das travestis. Se a família de origem exilou a travesti, ela a reconfigura. Estratégias de sobrevivência nos são apresentadas em suas biografias, tornando-se, nesse caso, estratégias de resistência. Parece-me que organizar redes de apoio e solidariedade, para além da visão normativa do Estado, é uma marca de grupos de pessoas que foram expulsas de suas famílias, o que passa a conferir à amizade um caráter singular como espaço de construção e manutenção de vínculos afetivos. Como esquecer a solidariedade entre os gays soropositivos na década de 1980? São as famílias inventadas, construídas por afinidades, e não por laços sanguíneos, que nos fazem aprender a ser humanos (BENTO, 2012, p. 281).

Apesar de essa exclusão familiar ser uma realidade na vida da grande maioria das travestis Brasil a fora, pudemos perceber que em Canindé, a realidade cotidiana das travestis informantes desta pesquisa vai à contramão dessa triste realidade. Como já apresentado, Bianca e Pamela estão em um relacionamento e suas famílias não têm objeção, Sheila também mora com os pais que aceitam sua travestilidade, realizando trabalhos domésticos diários na vizinhança.

O fato de Bianca e Pamela manterem um relacionamento exige dessas um constante restauro do comportamento quando as duas vão oferecer serviços sexuais. Erving Goffman (2013, p. 13) diz que o estigma se constitui de “[...] um atributo profundamente depreciativo [...] um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo [...]”, continua o autor informando que podem existir três tipos de estigmas, a saber: (01) abominações corporais, (02) culpas de caráter individual e (03) estigmas tribais de raça, nação e religião.

Em relação às homossexualidades, e em nosso estudo sobre as travestilidades, segundo Erving Goff-

man, os estigmas em relação às identidades de gênero estariam no segundo tipo de estigma, ou seja, nas culpas de caráter individual. Deve-se dizer que o autor não enquadra as homossexualidades num quadro psi (psicológico, psicanalítico e psiquiátrico) que poderia ser suscitado pela utilização da palavra culpa, fato é que socialmente esses indivíduos se diferenciam dos indivíduos tidos como normais.

Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aquele que os gregos tinham em mente [sinais corporais extraordinários], encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de normais. (GOFFMAN, 2013, p. 14).

Em uma cidade pequena como é o caso de Canindé, apesar de um grande fluxo de pessoas, as travestis ainda ocupam esse local de sujeitas estigmatizadas, tendo que realizar a venda de serviços sexuais, representando essa que também se expande para outras regiões. Desse modo, as travestis informantes da pesquisa devem manter constantemente a manipulação da impressão, visto que, quando estão na praça ou em outros lugares onde podem surgir clientes em potenciais, essas representam o papel da garota de programa, deixando de lado questões afetivas e solidárias, em especial no que tange às relações amorosas e familiares.

Outro ponto a ser elencado nesse processo de estigmatização das travestis no campo social está relacionado à exclusão dos espaços escolares que se correlaciona às dificuldades financeiras enfrentadas pelas travestis informantes da pesquisa oriundas de classes sociais, menos abastada, como foi dito por Sheila em uma de nossas conversas quando perguntei se ela ainda estudava:

Sheila: Eu não estudo porque trabalho, parei no nono, comecei a me montar com 14 anos [Antoniél: Você não pretende voltar a estudar?] Eu não tenho vontade de

voltar mais não, porque arrumei um emprego agora, numa casa de família perto da minha casa. (DIÁRIO DE CAMPO, 2016).

Cláudio também nos relatou o motivo pelo qual também tinha parado de estudar, contando o episódio de homofobia que culminou na sua saída da escola.

Comecei a conversar com Cláudio, perguntei quantos anos ele tinha e o que fazia da vida, ele disse que tinha dezoito anos e que não fazia nada, logo perguntei se não estudava, ele respondeu dizendo que tinha parado de estudar na sétima série do ensino fundamental, perguntei o motivo e ele começou a me explicar dizendo que não tinha mais paciência pra ir para a escola por conta do preconceito que sofria, ele relatou que uma determinada vez “ia jogando o birô na cara de um menino, ele disse, esse viado sem vergonha, aí eu disse, viado é um animal selvagem eu sou homossexual (nesse momento ele batia com a mão no peito), aí virei o birô, quase que pega na cara dele, aí eu fui pra diretoria e disse que queria ser suspenso, a diretora disse, mas Cláudio você é o melhor aluno da escola, aí eu disse, eu era não sou mais.”, foi assim que ele desistiu de estudar e vive com a ajuda dos pais. (DIÁRIO DE CAMPO, 2016).

Sobre a homofobia na escola, Rogério Diniz Junqueira (2009, p. 14) aponta que a realidade das escolas brasileiras está historicamente estruturada a partir de um “único componente valorizado pela heteronormatividade e pelos arsenais multifariamente a ela ligados – centrados no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente “normal”.”, alocando os sujeitos que não se enquadram nesse arsenal num local inferior, sendo esse outro “[...] considerado “estranho”, “inferior”, “pecador”, “doente”, “pervertido”, “criminoso” ou “contagioso” [...]”.

Marcio Caetano (2011), em seu artigo intitulado *Masculinidades, androcentrismo e heteronormatividade em experiências escolares*, apresenta um caso de homofobia sofrido por um jovem com boas condições financeiras, mas que não conseguia ter uma performance considerada masculina quando jogava vôlei com os demais colegas. O mesmo ocorreu com Claudio, em Canindé, mesmo não tendo as mesmas condições financeiras, tinha uma *performance* consi-

derada excelente nos estudos, mas foi interpelado por insultos por parte dos colegas, vindo como saída para seu problema não frequentar mais a escola. Podemos utilizar as palavras de Rogério Diniz Junqueira para resumir a situação da escola e dos casos de homofobia que acontecem cotidianamente de norte a sul do Brasil:

A escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT – muitos/as dos/as quais vivem, de maneiras distintas, situações delicadas e vulneradoras de internalização da homofobia, negação, autoculpabilização, auto-aversão. E isso se faz com a participação ou a omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado. (JUNQUEIRA, 2009, p. 15).

Como percebido, as experiências das pessoas que ousaram sair da heteronormatividade, sejam eles gays ou travestis, como foram os casos apresentados, passaram por processos de exclusão escolar, sendo esse espaço, na grande maioria das vezes, um espaço de aprendizagem das “pedagogias da sexualidade” (LOURO, 2000) pautadas num binarismo sexual, que também é atravessado por questões de ordem política e religiosa. Os processos de exclusão e estigmatização como puderam ser visualizados se instauram tanto no espaço escolar, bem como nos demais espaços sociais, exigindo das pessoas que LGBT um constante movimento performático para transitar socialmente, inclusive nos espaços educacionais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos como objetivo neste texto apresentar as experiências do cotidiano que residem no Município de Canindé no Estado do Ceará, sendo essas experiências analisadas a partir das teorias da *performance*, oriundas dos estudos de Victor Turner (1987), Richard Schechner (2006) e Erving Goffman (1985), responsáveis pela introdução dos conceitos de drama social no campo socioantropológico.

Diversas são as performances manipuladas pelas travestis informantes da investigação, desse modo, foram apresentadas algumas delas. Inicialmente, detivemo-nos a apresentar como ocorreram as primeiras interações com as informantes, e quais foram as estratégias de representação e manipulação da impressão utilizadas tanto por nós, quanto pelas travestis. Posteriormente, detivemo-nos a apresentar as *performances* que envolvem a venda de serviços sexuais pelas travestis em Canindé, sendo que seus clientes em potencial são os romeiros devotos de São Francisco de Assis, padroeiro da cidade.

Durante o período de investigação etnográfica, outros atores sociais forneceram informações sobre o cotidiano e interação entre moradores do município e romeiros. Mesmo sem ter a possibilidade de realizar observações nos bairros onde as travestis informantes da investigação residiam, foi possível por meio da interação com estas em locais públicos conhecer sobre suas relações familiares e amorosas, como também as relações de trabalho em seu próprio bairro, sendo a venda de serviços sexuais mais uma fonte de renda e não a única.

Como anunciei na introdução do texto, enquanto discente do curso de mestrado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), uma das minhas preocupações em campo estavam ligadas aos processos de escolarização das travestis. Desse modo, a última parte do texto foi dedicada a essa temática, sendo apresentado também uma experiência de homofobia vivenciado por um dos amigos das travestis. A apresentação dessas experiências aponta que a exclusão dos espaços escolares dos sujeitos que não se enquadram na heteronormatividade é uma constante no cotidiano escolar.

A utilização das teorias da *performance* podem subsidiar análises sociais, como dito por Schechner: “Toda e qualquer das atividades da vida humana pode ser estudada enquanto performance”. Por isso, este estudo apresenta algumas experiências da vida das travestis de Canindé, sendo necessária sua continuação e ampliação da investigação, para que assim possa se conhecer com maior profundidade as *perfor-*

mances manipuladas por essas, assim como por outros atores sociais estigmatizados socialmente.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, R. A poética do mercado público: gritos de vendedores no México e em Cuba. In: **ILHA – Revista de Antropologia**, v. 11, n. 1-2., 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2009v11n1-2p17>>. Acesso em: 06 Out. 2016.
- BENTO, B. As famílias que habitam “a família”. **Sociedade e Cultura**, v. 15, n. 2, p. 275-283, jul./dez. 2012.
- BUTLER, J. Actos performativos y constituición del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. **Debate Feminista**, n. 18, p. 296-314, 1998. Disponível em: <<http://capacitacioncontinua.socials.uba.ar/wp-content/uploads/sites/25/2016/09/BUTLER-Actos-performativos-y-constituci%C3%B3n-del-g%C3%A9nero.pdf>>. Acesso em: 20 Dez. 2016.
- CAETANO, M. Masculinidades, androcentrismo e heteronormatividade em experiências escolares. In: SILVA, F.F.; MELLO, E.M.B. (Org.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011.
- CARLSON, M. **Performance: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Lisboa-PT: Assírio & Alvim, 2004.
- FILHO, Antoniel dos Santos Gomes, e MAGALHÃES, Eloi dos Santos. **Diário de Campo**, 2016.

- FERREIRA, R. S. TRAVESTIS EM PERIGO OU PERIGO DAS TRAVESTIS? Notas sobre a insegurança nos territórios prostitucionais dos transgêneros de Belém (PA). In: **ENFOQUES** – Revista Eletrônica dos alunos do PPGSA/IFCS/UFRJ, v.2, n.1, 2003.
- GEERTZ, C. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- GOMES FILHO, AS.; MORAIS, M.F.C. Uma aproximação entre arqueologia e educação: relato de uma expedição ao parque nacional da serra da Capivara-PI. In: GOMES FILHO, A.S.; MEDEIROS, J.L.; CAVALCANTE, M.J.M. (Org.). **Educação brasileira**: ensaios iniciáticos em torno da crise da escola e dos desafios do mundo contemporâneo. Fortaleza: UFC, 2017.
- JUNQUEIRA, R.D. Introdução: Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R.D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.
- KULICK, D. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- LOURO, G.L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G.L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- ORNAT, M. J. Espaços interditos e a constituição das identidades travestis através da prostituição no sul do Brasil. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v.3, n.1, p.54-73, 2012.
- PELÚCIO, L. Toda Quebrada na Plástica: Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. **CAMPOS**-Revista de Antropologia Social, v.6, 2005a.
- PELÚCIO, L. Na noite nem todos gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. In: **Cadernos Pagu**, n.25, p. 217-248, jul-dez. 2005.
- PELÚCIO, L. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: FAPESP, 2009.
- PERES, W. S. **Travestis brasileiras**: dos estigmas à cidadania. Curitiba: Juruá, 2015.
- PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA-UFC. **Apresentação**. Disponível em: <http://www.posgradsoc.ufc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=53>. Acesso em: 12 Jan. 2017.
- SANTUÁRIO DE CANINDÉ. **Canindé**. 2017. Disponível em: <<http://www.santuariodecaninde.com/caninde/10852-2/>>. Acesso em: 19 Jan. 2017.
- SCHECHNER, R. O que é performance? In: **Performance studies**: anintroduccion, secondedition. New York & London: Routledge, 2006.
- SILVA, H.R.S. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- TURNER, V. **The anthropology of performance**. New York: PAJ, 1987.
- VALE, A.F.C. **O vôo da beleza**: travestilidades e devir minoritário. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2005.
- VALE, A.F.C.; MAGALHÃES, E.S. **Plano de disciplina – Representações do corpo**:

antropologia da performance. Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), 2016.

WILLEKE, V. **São Francisco das chagas de Canindé:** resumo histórico. 2.ed. Canindé: Santuário de São Francisco das Chagas, 1973.

Recebido em: 29 de Maio de 2017
Avaliado em: 25 de Junho de 2017
Aceito em : 3 de Agosto de 2017

1. Mestrando em Educação Brasileira, vinculado à Linha de História e Educação Comparada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – LHEC/UFC); Discente de Licenciatura em Filosofia na Faculdade Católica de Fortaleza – FCF; Professor-pesquisador do Núcleo de Estudos Comparados em Corporeidades, Alteridade, Ancestralidade, Gênero e Gerações – NECAGE/UFCA e do Laboratório Interdisciplinar em Estudos da Violência – LIEV/UNILEÃO; Tecnólogo em Gestão Comercial pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO. E-mail: antoniel.historiacomparada@gmail.com

2. Pós-doutorado em Sociologia na Universidade Federal do Ceará – UFC; Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Graduado em Ciências Sociais (Área de concentração: Antropologia) pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; Orientador da investigação e Professor da disciplina Representações do Corpo: antropologia da performance. E-mail: eloiantropologia@gmail.com